

## Estratégias para o Investimento Direto Estrangeiro no pós-pandemia.

*A pandemia expôs vulnerabilidades das cadeias globais de suprimentos. Empresas e países descobriram quão dependentes são de poucos fornecedores. Uma primeira estratégia consiste na busca da autossuficiência na produção de produtos estratégicos. Uma segunda consiste na diversificação de fornecedores, com oportunidades para novos destinos de IDE.*

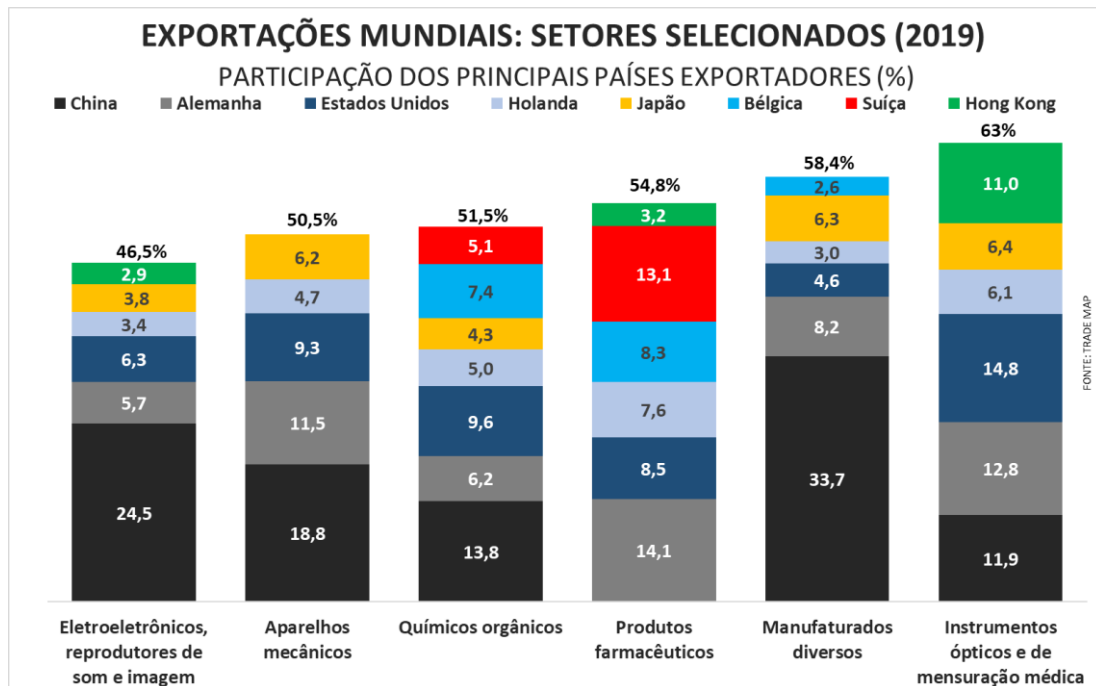
A estabilidade das regras comerciais nas últimas décadas levou produtores a estabelecer redes de produção globais. Diferentes estágios de processos de fabricação foram instalados em países distintos, por vezes distantes dos consumidores dos produtos finais. O objetivo estava na redução de custos. Para tanto, estoques elevados eram vistos como excesso de gastos a serem combatidos por meio da otimização e maior encadeamento de processos produtivos.

A atual pandemia mudou essa realidade. Essa expôs vulnerabilidades das cadeias globais de suprimentos médico-hospitalares. O surto de vírus causou interrupções na produção em muitos continentes. A pandemia expôs fraquezas inerentes a um sistema que exige que todas as suas peças funcionem como um relógio. Junte-se a isso os crescentes contenciosos comerciais entre os EUA e a China. Enfim, as recentes restrições à exportação de suprimentos criaram incertezas sobre o futuro do livre comércio.

Com isso, não é mais inconcebível que a globalização seja revertida. Pelo contrário. Agora a segurança nacional já pode servir de justificativa para o protecionismo. Diferentemente do passado, as empresas não têm mais garantias de que acordos tarifários acordados na Organização Mundial do Comércio (OMC) constituirão impeditivos para ações protecionistas por parte de países no futuro. Diga-se de passagem, o mecanismo de solução de controvérsias da OMC na prática já tem sua operação comprometida.

Do ponto de vista dos países consumidores, ficaram mais claros os riscos de dependência excessiva de um único país fornecedor. Muitos países descobriram quão dependentes são de suprimentos provenientes de poucos países. Na verdade, esse risco já existia. Só não havia sido devidamente observado anteriormente.

De fato, esse risco não é desprezível. Apenas 8 países são responsáveis por mais de 45% das exportações mundiais de diversos produtos de elevado valor agregado, conforme figura a seguir. Na maior parte desses setores, considerados sensíveis e estratégicos, essa concentração de exportações por origem é crescente nos últimos anos. Vale observar que não só a China concentra parte relevante dessas exportações. Há também participação relevante de exportadores europeus, norte-americanos e asiáticos. Ou seja, nestes casos não cabe o argumento de dependência ou mesmo ameaça apenas por parte das exportações chinesas.



Qual deve ser a estratégia dos países consumidores diante desse risco de dependência crescente de poucos exportadores? Há quem defenda que a melhor estratégia seja a busca da autonomia nacional na produção de produtos considerados estratégicos. Para tanto, seria necessário proteger o fornecimento local. Em outras palavras, cada país deveria desenvolver sua capacidade produtiva doméstica para atender seu respectivo mercado interno para a produção de produtos considerados estratégicos. Assim, a eventual falha no suprimento dos poucos países exportadores poderia ser contornada.

Mas essa estratégia de autonomia nacional não está isenta de objeções. Há também quem argumente que ela não representa garantia de segurança de suprimentos de insumos e produtos. Na busca de autossuficiência nacional, empresas locais não conseguiriam alcançar as economias de escala necessárias para investir o suficiente em inovação, pré-requisito de produtos de maior intensidade tecnológica. Quanto menor o mercado doméstico, maiores tenderiam a ser as ineficiências. Mesmo empresas de economias maiores e mais avançadas não conseguiriam alcançar os ganhos de escala de empresas transnacionais. Colocar todos os ovos na mesma cesta aumentaria o risco de suprimento, mesmo se a cesta fosse doméstica.

Qual seria então a melhor estratégia para dirimir os riscos de concentração de fornecedores? Para países consumidores, a melhor alternativa para garantir o fornecimento de insumos e produtos considerados sensíveis não consiste na busca de autossuficiência, mas sim na diversificação da base de fornecedores. Para tanto, seria necessário mapear as maiores dependências de suprimento e buscar alternativas. Essa estratégia contribuiria para assegurar o suprimento de insumos e produtos em caso de interrupção do fornecimento por parte de um produtor específico ou mesmo por parte de uma determinada região.

Do ponto de vista da empresa produtora, a diversificação de fornecedores também faria mais sentido do que a busca da autossuficiência nacional. Afinal de contas, neste segundo caso as empresas transnacionais teriam de deixar de contar com outros mercados que não os seus locais.

A alternativa da diversificação de fornecedores pode criar oportunidades para novos destinos de investimentos diretos, com evidentes externalidades tecnológicas para estes. Para aproveitar esta oportunidade de aumentar a participação nas cadeias globais de suprimentos, os países interessados em ingressos de investimentos diretos precisariam demonstrar aos seus potenciais investidores seus compromissos na manutenção de um bom clima de negócios. Isso não significa necessariamente incentivos fiscais. Mais do que isso, o apelo estaria no tratamento justo, na credibilidade, nas regras estáveis e transparentes reservadas aos investimentos estrangeiros. Todos teriam a ganhar.

Sociedade Brasileira de Estudos de Empresas Transnacionais e da Globalização Econômica

**Diretor presidente:** Luís Afonso Fernandes Lima

**Diretor vice-presidente:** Reynaldo Passanezi

**Diretor - tesoureiro:** Frederico Araujo Turolla

**Diretores:**

Ana Lucia Castagnari Marra

Ernesto Lozardo

José Augusto Guilhon Albuquerque

José Roberto de Araújo Cunha Júnior

Nicola Basile Tingas

Marcelo Petersen Cypriano

CONSELHO CONSULTIVO

**Presidente:** Rubens Antonio Barbosa

**Conselheiros:** Antônio Correa de Lacerda, Armando Castelar Pinheiro, Arno Meyer, Carlos Kawal, Christian Lohbauer, Gustavo Franco, Henrique de Campos Meirelles, John Edwin Mein, Marcelo Resende Allain, Maria Helena Zockun, Octavio de Barros, Otaviano Canuto, Renato Baumann, Ricardo Bielschowsky, Rubens Ricupero, Sandra Polonia Rios, Vera Thorstensen, Virene Roxo Matesco.

Tel: 55 11 3078-9236 - 11 99645-4426 | [sobeet@sobeet.org.br](mailto:sobeet@sobeet.org.br) | [www.sobeet.org.br](http://www.sobeet.org.br)